

O ESTUDO DO "FENÔMENO RELIGIOSO" E A TEOLOGIA

A introdução ao estudo da teologia pode ser feita de diversas formas a partir de diferentes perspectivas, tanto sistemáticas como históricas, bíblicas, dogmáticas ou filosóficas, de acordo ora com os objetivos que se queiram alcançar na comunicação e desenvolvimento do saber, ora com a problemática em que surgem as interrogações teológicas fundamentais dos iniciandos.

Se o saber, considerado em si mesmo, tem suas exigências de conteúdo, do ponto de vista pedagógico, parece mais indicado partir das questões efetivamente colocadas pelos alunos, sendo hoje generalizada a postura pedagógica sensível às condições do aprendizado e tende a se orientar pela construção do conhecimento por parte do educando.

Ora, por uma série de fatores de ordem psicossocial e cultural, para os alunos que iniciam seus estudos, as questões teológicas se colocam cada vez mais, nos dias de hoje, a partir das experiências de vida cristã, pessoal e comunitária, e de suas expressões religiosas, tanto catequéticas como litúrgicas, de leitura da Bíblia e de ação pastoral, a ponto de se poder perguntar se não seria o caso de introduzir à teologia precisamente pela via da reflexão teológica sobre esta experiência, entendida genericamente como sendo uma *experiência religiosa*.

Nasce assim a proposta de estudar o fenômeno religioso como introdução à teologia.

1. UM NOVO REAGRUPAMENTO DE QUESTÕES TRATADAS NA TEOLOGIA FUNDAMENTAL

As disciplinas teológicas. a exemplo do que acontece com a grande maioria das disciplinas que compõem hoje o currículo das escolas, colégios e faculdades, nada mais são do que um

agrupamento de temas que vêm à tona numa determinada área do saber, resultante do objeto que se propõe analisar o currículo em questão e dos objetivos a alcançar.

Nesse sentido, dadas as circunstâncias em que se desenvolve hoje o estudo da teologia, pareceu-me sobremaneira oportuno criar a disciplina Fenômeno Religioso.

1.1. O fenômeno religioso.

Entende-se por *fenômeno religioso* o conjunto das manifestações do ser humano religioso, expressão de sua abertura para a transcendência ou, em linguagem mais teológica, do desejo de Deus, inscrito no coração humano. É, por exemplo, a terminologia do *Catecismo da Igreja Católica* (nº 27).

Pode-se dizer que depois de uma fase de relativo ostracismo, a religião, mantida a laicidade do Estado, universalmente considerada como um valor, voltou a ocupar lugar central no interesse da sociedade e das pessoas, na compreensão do próprio ser humano e de sua vida no mundo, senão até mesmo, num certo sentido, na maneira de entender todo o universo, na cultura. Fala-se comumente do redespertar religioso, da revanche do sagrado e do reencantamento do mundo.

Houve um tempo em que a religião parecia se opor totalmente à ciência, e vice-versa. Qualquer dado, postura ou preocupação religiosos que interferissem no conhecimento exato e racional do universo e do ser humano, eram, por princípio considerados indevidos, supersticiosos, e deviam ser banidos do campo científico. Esta posição, que caracteriza o laicismo, embora ainda defendida no Brasil em certos círculos que não parecem ter compreendido a evolução contemporânea da sociedade, não é mais admissível, dados os conhecimentos que temos hoje do ser humano. Nada tem a ver, aliás, com a autêntica laicidade do Estado, por exemplo, que deve ser a todo custo preservada, com base na autonomia das realidades temporais, sustentada pela própria Doutrina Social da Igreja.

Não se pode mais hoje entender o ser humano, científica e filosoficamente, sem levar em conta os comportamentos em face do que dá sentido à vida, enraizados no mais íntimo do inconsciente, comportamentos pois, de ordem religiosa, segundo a terminologia universalmente aceita. As ciências humanas, aliás, foram as primeiras alertadas para a importância antropológica do sagrado e da religião. Hoje, porém todos os autores sérios e que superaram o laicismo moderno, concordam que o ser humano é um ser religioso, cultural e historicamente, e tem consciência de que não basta estudar a religião em suas manifestações particulares, sob o ângulo exclusivo da antropologia, da história, da psicologia, da sociologia e da filosofia, mas é preciso ir

além e estudar como expressão da religiosidade, da busca do sentido da vida: há um *problema religioso humano*, o fenômeno religioso, a ser abordada por si mesmo e que levanta, por sua vez, uma questão teológica de primordial importância.

Se assim é, por que não projetar uma introdução à teologia a partir da análise do fenômeno religioso? Levando em conta toda a contribuição das ciências da religião, como mediações indispensáveis ao conhecimento do fenômeno religioso, tal introdução teria objeto e objetivos próprios, pois não se confunde com a teologia das religiões, propondo-se a estudar o fenômeno religioso de maneira genérica e ampla, nem com a ótica predominante da teologia fundamental, cujo objetivo é antes remover obstáculos do que apontar caminhos específicos de inteligibilidade do mistério de Deus e de sua comunicação com os humanos.

Positivamente, o estudo do fenômeno religioso como introdução à teologia, tem por objeto o estudo da religiosidade no sentido mais amplo do termo, tal como se exprime na experiência religiosa vivida hoje pelos humanos, e por objetivo iniciar os alunos na reflexão teológica a partir da religião que conhecem e vivem, das religiões que vêem praticadas e até mesmo de outras manifestações da religiosidade, presentes na cultura e na história.

A inserção dessa disciplina no currículo não constitui problema. Encaixa-se no quadro da teologia fundamental, que não só comporta uma introdução à teologia, como um tratado há muito denominado *De vera religione*, em que se discutem precisamente as questões pertinentes aos aspectos religiosos da Revelação, objeto central da teologia fundamental.

1.2. Determinação do programa

Com esse espírito foi instituída no Instituto Pio XI, a partir de 1995, disciplina introdutória designada como Fenômeno Religioso, com quatro créditos, correspondentes a 72 horas/aula.

Depois de algumas hesitações, compreendemos logo que o trabalho em sala de aula, mais do que transmitir conteúdos, deveria desenvolver habilidades para uma reflexão teológica sobre a experiência religiosa, dentro dos condicionamentos culturais e eclesiais em que hoje é vivida e que, como tal, repercutem na maneira de ser e de agir, humana e cristãmente dos próprios alunos e das comunidades a que se reconhecem pertencentes.

No decorrer do primeiro semestre ficou muito claro que o objetivo do curso haveria de ser atingido por intermédio de uma reflexão tão ampla quanto possível sobre a *experiência religiosa* analisada desde as suas raízes antropológicas mais elementares, sua expressão concreta, vivida por todos, embora

sob diferentes matizes, até as formas mais significativas da experiência religiosa, a experiência mística.

Uma vez determinado o trabalho a ser desenvolvido, que ocupou todo o segundo semestre consagramos o primeiro a **uma espécie de prolegômenos**, esclarecendo especialmente o conceito de *religião*, nas suas diferentes formas, de maneira a proporcionar instrumentos adequados de reflexão sobre o tema, tecnicamente elaborados no âmbito das ciências humanas.

O ideal seria que os alunos chegassem à teologia não só com um mínimo de preparação bíblica, humanista e filosófica, mas com um conhecimento, ainda que genérico, do fato religioso, na sua globalidade. Disporiam assim dos elementos indispensáveis para analisar e dar-se conta das principais características de sua própria experiência religiosa, comunitária e pessoal.

Não é, infelizmente, o que acontece, por razões diversas. Primeiro pela precariedade da cultura religiosa transmitida na escola, quase inexistente. Depois, para os que foram educados cristãmente, por causa da catequese habitual, predominante confessional ou pastoral, sem desenvolvimento subjetivo da religiosidade propriamente dita. Finalmente, em virtude da própria natureza dos estudos teológicos, que quando ultrapassam a esfera da compreensão histórico-literária das Sagradas Escrituras e dos autores de maior voga, concentra-se no desígnio de Deus que preside a criação e a história, na ação salvadora de Jesus, o Cristo, Filho de Deus encarnado, na constituição da Igreja e de sua ação no mundo, relegando a problemática religiosa propriamente dita a disciplinas mais ou menos periféricas, dentre as quais a psicologia, a sociologia ou a história das religiões.

1.3. Uma teologia independente da experiência?

Ora, não se pode negar que o estudo da experiência religiosa torna-se cada vez mais importante, no conjunto das questões teológicas contemporâneas. O que nem sempre merece a devida atenção, é que a valorização da experiência religiosa acarreta uma revisão profunda no equilíbrio dos tratados teológicos.

Duas abordagens são possíveis, uma histórica e outra sistemática.

Do ponto de vista histórico sabe-se que, apesar da experiência cristã ocupar um lugar central no *Novo Testamento* e não ter deixado nunca de ser alimentada na comunidade cristã, sob as mais diversas formas, especialmente nos meios consagrados à oração e à contemplação, a teologia propriamente dita afastou-se da experiência, valorizando quase que exclusivamente a precisão racional dos conceitos e sua coerência no período do esplendor escolástico. A partir de Melquior Cano, passou a ser determinante a autoridade dogmática objetiva dos lugares teoló-

gicos, independentemente de qualquer dado experiencial, sempre suspeito, por ser indissociável da subjetividade. Foi assim que a experiência religiosa acabou sendo banida da teologia que se empenhou a fundo em silenciá-la completamente, como se fosse possível. Estas posições da escolástica e da dogmática chegaram ao paroxismo no combate ao modernismo, ainda no início de nosso século.

Do ponto de vista sistemático, a teologia concentrava-se no mistério de Deus que transcende toda experiência. Apoiada na verdade da fé, entendida principalmente como acolhimento obediente a toda a verdade revelada, objetivamente contida na Escritura e transmitida pela Tradição, a teologia não parecia realmente ter necessidade da experiência para equacionar, numa perspectiva metafísica, um conjunto de verdades sobre Deus e sua comunicação com os humanos, preservada de todas as incertezas da experiência e posta a salvo das variações subjetivas de cultura e de maneiras humanas históricas de encarar a vida.

Quando se escapava dessa teologia de inspiração e estrutura metafísica, concentrava-se a reflexão teológica em torno da realização do desígnio salvador de Deus, no Cristo Jesus, na história da salvação, propugnando-se por um cristocentrismo positivo, suporte indispensável à objetividade da doutrina e dos sacramentos que a Igreja, em virtude da delegação de ensinar, santificar e governar recebida de seu Fundador, assegura e mantém operantes na história, independentemente das variações imprevisíveis da experiência religiosa de seus filhos e membros.

Pode-se dizer que a teologia católica, no sentido confessional do termo, conseguiu a proeza extraordinária de se constituir como reflexão da fé, independentemente da experiência humana, com base exclusiva na Palavra de Deus, metafisicamente acessível graças ao instrumento da analogia, e historicamente manifestada em Jesus de Nazaré, fundando uma ordem objetiva de doutrina, meios de santificação e orientações práticas, mantidas pelos sucessores dos apóstolos como estrutura de salvação, independentemente da experiência religiosa, inclusive dos próprios ministros!

Foi essa teologia, desconhecedora da experiência, que encarou como a maior das ameaças a seus bastiões a revalorização da experiência na cultura moderna, preferindo condenar o “modernismo” e tentar suprimir radicalmente experiência, a estabelecer com ela qualquer tipo de diálogo, que poderia abalar pretendidas certezas metafísicas ou verdades históricas convencionalmente estabelecidas, cujos fundamentos começavam a ceder às pressões da crítica e da ciência. Talvez o maior desafio ao pensamento cristão contemporâneo seja o de encontrar um caminho para a reintegração da experiência religiosa na teologia, como base para o diálogo com a cultura em que estamos inseridos.

2. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CRISTÃ, NOVO FOCO DE INTELIGIBILIDADE TEOLÓGICA

Para se avaliar a importância de uma introdução à teologia a partir do estudo do fenômeno religioso é indispensável ter presente, além dos condicionamentos culturais em que estamos inseridos a centralidade do “mistério realizado”, no sentido paulino do termo, que se traduz na experiência do Espírito, reconsiderada como lugar teológico maior na compreensão do desígnio de Deus realizado por intermédio do Cristo Jesus e prolongado na salvação universal, de que a Igreja é sinal e sacramento.

2.1. A revalorização teológica da experiência

Não é possível analisar aqui o longo caminho percorrido na revalorização teológica da experiência religiosa. Passa, por um lado, pela extensão do conhecimento histórico às culturas mais antigas da humanidade, marcadas por uma diversidade enorme de experiências voltadas para o além, para o transcendente, religiosas pois que deixaram traços em todas as manifestações da vida social e humana.

Por outro lado, encontra apoio em correntes filosóficas cada vez mais amplas, que valorizam a prática, a ação e a existência, senão em detrimento, pelo menos em contraposição com as verdades eternas e objetivas, na compreensão do significado da vida humana e do universo.

É sempre valioso lembrar que na virada do século XVIII, Kant, ao assinar o atestado de óbito da metafísica, fundamentou no imperativo categórico todo o edifício do agir humano, que passava assim a se apoiar inteiramente sobre o sujeito. Sua postura estava mais próxima do que muitas vezes se pensa do romantismo nascente, em que a experiência era valorizada ao máximo. Foi dentro desse contexto que Friederich Schleiermacher, influenciado por sua formação morávia, procurou mostrar que a religião escapa a todas as dificuldades e aporias da filosofia, da crítica e da história justamente porque tem seu centro e seu foco na experiência, com a qual, aliás, se identifica, de certa forma.

O subjetivismo radical de Schleiermacher vai ser arrasador para a teologia oficial, corroendo em primeiro lugar a objetividade sempre problemática das doutrinas, sacramentos e instituições evangélicas, e preparando o que se convencionou chamar de teologia liberal.

Mas o dismantelamento das estruturas religiosas não seria tão avassalador se o subjetivismo romântico não tivesse encontrado um aliado muito mais vigoroso do que ele próprio, na percepção de quanto é central, para a vivência da fé, a experiência existencial, tal como o acentuou um outro grande

luterano dos meados do século passado, Sören Kierkegaard, renunciando a corrente existencialista que, através da fenomenologia, passará a pensar o ser humano e o universo a partir do existente concreto, de sua experiência.

O existencialismo, sob diversas formas, marca o contexto cultural no segundo quartel do século e constitui fator decisivo que leva os teólogos, sem exceção dos católicos, acusados embora de propor uma *nouvelle théologie*, a revalorizar progressivamente a experiência cristã, a vivência pessoal e comunicativa da fé, primeiro na própria forma de entender a vida espiritual e ação cristã no mundo, por intermédio da liturgia e da Bíblia, mas logo em seguida na maneira de teologizar, relendo a tradição não mais como puramente atestadora de verdades dogmáticas ou confirmadora de enunciados racionais, senão como testemunha viva de uma experiência cristã expressa nas mais diferentes formas, dentro dos mais diversos contextos histórico-culturais.

Essa volta a experiência não tardou a evidenciar o descompasso entre a teologia dogmática racional, pretendidamente revestida de objetividade a-histórica, ou mesmo supra-histórica, e a forma como os humanos cada vez mais se colocavam as questões fundamentais do sentido da vida, pessoal e coletiva: para onde vamos? De onde viemos? O que somos? Não era possível continuar fazendo teologia como se fosse a atividade suprema do ser humano na terra e desconhecer as angústias e as tristezas, as alegrias e as esperanças dos humanos, em meio aos quais colocou-nos o Senhor como seus testemunhas. O projeto do Concílio Vaticano II nasceu dessa constatação: um concílio diferente, como acentuava João XXIII, que não visava definir ou estabelecer verdades, mas trazer a expressão da fé para a vivência e para a experiência dos humanos, um Concílio pastoral, como declarou, de seu ponto de vista de pastor.

2.2. A teologia da experiência

Mas o que é a experiência cristã?

Ao se debruçar sobre a experiência, a teologia evolui em três direções principais que se tornam cada dia mais claras, à medida em que se vai delineando seu alcance e suas duas facetas principais: o enraizamento profundo no ser humano, social e pessoal, e a presença santificadora imanente de Deus na experiência humana. Seja-nos permitido pois, nos limites desse texto, caracterizar assim esquematicamente, essas três faces principais em que se agrupam as questões teológicas, em torno da **experiência cristã: um novo foco teológico de inteligibilidade**, a experiência propriamente dita, como experiência humana e sua característica religiosa de ser uma experiência no Espírito, à luz da revelação.

É importante notar que são três aspectos indissociáveis do mistério realizado já agora na história, mas ainda não plenamente manifestado, como o será na escatologia, não havendo, porém, de fato, nenhum corte de natureza entre o já agora e o ainda não.

2.2.1. A abordagem do mistério realizado

Por foco teológico de inteligibilidade entendemos o prisma sob o qual trabalha o teólogo. O foco da teologia clássica, que até hoje permanece uma questão central, conferindo inclusive o nome ao saber de que tratamos, é Deus na sua transcendência imanente, criador, princípio do ser, que tudo mantém sob seu governo, providência universal, escolhe, chama e conduz à plenitude de comunhão na sua vida aqueles que quer e para o bem dos quais contribuem todas as coisas.

Mas, na realidade a teologia cristã clássica pode se organizar e se organizou de fato em torno do gesto maior de comunicação divina, a encarnação do Filho e sua ação salvadora. Concreta e historicamente Deus manifesta-se aos humanos e entra em comunhão conosco por intermédio de Jesus de Nazaré, reconhecido como Messias, ungido de Deus, no cumprimento efetivo de sua promessa de salvação. Fala-se então de uma teologia cristocêntrica, pois a missão de Jesus Cristo, sob esse aspecto, é sem dúvida alguma o foco de inteligibilidade do fato cristão, quer em si mesmo, como Economia, quer como mistério, ao mesmo tempo desvelador e revelador, manifestação e sinal misterioso da ação de Deus para com os humanos e de sua significação para todo o universo.

Teocentrismo e cristocentrismo, porém, têm algo de comum, em relação a um terceiro foco possível de inteligibilidade: abordam o mistério na sua fonte, Deus, e na sua realização originária capital, fundamental deixando-o permanecer em si mesmo como mistério, na sua natureza profunda de desígnio de Deus definitivo, realizado na história. Ora, a teologia da experiência, sob o ângulo da abordagem do mistério, distingue-se justamente do teocentrismo e do cristocentrismo por ter por centro o mistério realizado, Deus efetivamente comunicado e vivido pelos humanos já agora, humanamente na história, mas de forma que antecipa a realização escatológica final, o ainda não.

As questões que brotam no coração de todos os humanos, pessoas e comunidades humanas, culturas, como hoje as denominamos, por serem as determinantes profundas de todas as formas de viver, de pensar e de agir a que chamamos cultura, questões *religiosas* por versar em última análise, sobre o que é primordial, o *ultimate concern*, a que se referia Paul Tillich, questões sobre o fim e a origem, o sentido e a forma de viver, em lugar de serem respondidas primariamente a partir do Criador e de seu

desígnio de amor, ou mesmo da missão e da ação salvadora de seu Filho, são abordadas cada vez mais pela teologia contemporânea na luz da existência humana concreta, como escondidas no mais fundo do coração humano e alimentadas por Deus, como Espírito presente ao nosso espírito, que dá plena realização ao que os humanos buscam, muitas vezes sem mesmo o saber.

2.2.2. Experiência humana

O mistério realizado tem suas raízes no mais profundo do ser humano. O conhecimento de si mesmo, conhecimento do ser humano, e indissociável do conhecimento de Deus da teologia. A teologia não pode deixar se integrar a antropologia, como um de seus pressupostos fundamentais. No entanto, o ângulo sob o qual a teologia aborda o conhecimento do ser humano há de variar de acordo com seu foco de inteligibilidade.

No teocentrismo, o ser humano é antes de tudo considerado como efeito à imagem e semelhança de Deus. As narrativas bíblicas do Gênesis o comprovam com facilidade. No cristocentrismo é a própria realidade histórica da humanidade de Jesus de Nazaré que se torna, por assim dizer, o fulcro da compreensão, ao mesmo tempo, de Deus e de como se realiza seu desígnio, pelos caminhos do amor, da felicidade e da justiça, do que é o chamado a ser humano e do que realmente o é. Como, porém, falar do ser humano, quando se aborda o mistério realizado de Deus?

A resposta à pergunta: o que é o ser humano? não pode então ser dada em termos de natureza, de origem ou de vocação. Tem uma significação existencial: que constitui realmente a vida de cada ser e de cada comunidade humanos? A vida real das mulheres e dos homens? Que buscam? Que fazem? Que sentido testemunham reconhecer a vida humana no seu agir, pelo seu simples viver? Em palavras mais simples e diretas: em que consiste a experiência do ser homem ou mulher? A experiência humana?

O foco de inteligibilidade da teologia misteriocêntrica, digamos assim, é fundamentalmente, a vivência do ser humano, comunitário e pessoal, participante efetivo, embora num certo sentido ainda potencial, da plena comunhão com Deus, realização do desígnio de Deus por intermédio de Cristo. Essa vivência cujo alcance definitivo nos escapa e somente nos é revelado pela palavra de Deus, é, contudo, estruturalmente falando, uma experiência humana, num certo sentido até, a experiência humana, pois é nela e por seu intermédio, que o ser humano se torna, ou não, aquilo que ele é chamado a ser.

No fundo da experiência humana está, efetivamente, a liberdade: liberdade pela qual o ser humano se auto-define em relação ao bem, ao que é chamado a ser. Não se confunda a realidade

radical designada aqui pela palavra liberdade nem com a superação dos obstáculos que se opõem à plena realização do que aspiramos e somos chamados a ser, a que convém melhor o termo libertação, nem com a possibilidade de não escolher o bem, designada pelos termos *livre arbítrio* ou *liberdade de escolha*, que se prendem diretamente não ao que o ser humano é, mas ao estado em que se encontra, de potencial participante do mistério.

A teologia misteriocêntrica tem como ponto de partida a experiência humana. Não porém qualquer experiência que faça o ser humano, embora em todas elas se possa ler, de maneira mais ou menos clara, o que vale o atributo de humana, mas a experiência humana propriamente dita: experiência do que o ser humano é em vista do que é chamado a ser, experiência do que dá efetivamente sentido a sua vida. Essa experiência é o que denominamos experiência religiosa, pois na história do ser e das sociedades humanas designa-se pela palavra latina *religião*, as manifestações do saber, das celebrações e das práticas ético-sociais em que se traduz, humana e socialmente, a percepção que se tem, pessoal e comunitariamente, do que confere sentido à vida.

Quando pois nos propomos introduzir à teologia pela porta do “fenômeno religioso”, não estamos apelando para uma área específica do agir humano, o estudo do “sagrado” por exemplo mas o que há de mais profundo e radical em todo o agir humano propriamente dito, o exercício do voluntário, como diziam os medievais, ou, em termos modernos, o exercício da liberdade de auto-determinação, presente em toda a ação humana, agora e sempre, que seria um desastre confundir com o *livre arbítrio* ou com a libertação, no sentido específico do termo.

O fenômeno religioso é o estudo de agir humano envolvido em todo ato humano na relação existencialmente vivida desde agora com o que lhe confere sentido à vida. O agir humano, portanto, atravessado pelo sentido da transcendência, que é marcado desde agora por um contacto misterioso e inefável com o Transcendente, uma experiência de Deus, como habitualmente dizemos, que vai desde a percepção crepuscular de um sentido imanente na vida, no ato de liberdade, especialmente em relação ao outro, até a experiência mística, na noite, em que já começaram a aparecer de certa forma, alguns traços de luz, prenunciadores da alva, aurora da eternidade.

É indispensável articular a fé, e portanto a teologia, com a vida. Uma das características centrais da catequese entre nós é precisamente a busca desta articulação, numa forma recíproca, pois somente a fé que nasce da vida tem possibilidades efetivas de se traduzir em vida. O desafio evangelizador está hoje perfeitamente caracterizado como a necessidade de encarnar a fé na vida de uma multidão de fieis nominalmente cristãos, mas cuja

vida está longe de refletir a busca de Deus e de sua vontade antes de tudo, a exemplo de Jesus e segundo o seu Espírito.

Fazer teologia a partir da vida é o fundamento indispensável da “nova evangelização”. Por isso, encaramos o estudo do “fenômeno religioso” como o caminho hoje em dia mais apropriado de iniciar à teologia, que é, como dizia santo Agostinho, retomado por São Tomas de Aquino no início da *Suma Teologica*, o *saber que gera, alimenta, defende e corrobora a fé*. (I,q,1,a. 2s.c.).

2.2.3. *Experiência no Espírito*

Como saber da fé, a teologia tem consciência de uma fonte que a transcende, a cujo serviço se acha empenhada como razão mesma de sua existência. Esta fonte é a fé, que consiste antes de tudo na adesão pessoal a Deus, anterior ao próprio acolhimento da verdade revelada, como o ensina claramente o *Catecismo da Igreja Católica* (nº 150).

O estudo do fenômeno religioso, centrado na experiência humana do Transcendente, sobretudo quando encarado do ponto de vista da fé, revela a consciência generalizada do primado da iniciativa divina. Se o ser humano deseja a Deus e nele encontra sentido definitivo para sua vida e para si mesmo, é porque Deus veio a ele, o amou primeiro e está, por um ato pessoal divino, no princípio de seu ser.

Esse primado da iniciativa divina é talvez o dado bíblico mais central. Está no coração da Revelação. É o núcleo da verdade da fé. Dado que foi vivamente experimentado pelos muitos autores sagrados e que, ainda hoje, através de toda a história da espiritualidade cristã, está no centro da experiência mística, como perceberam com clareza singular, por exemplo, os grandes carmelitas do século XVI, Tereza de Jesus e João da Cruz.

Diante deste dado central, o teocentrismo afirma a total dependência de Deus, a disposição de cumprir em tudo, absolutamente, a sua vontade. O cristocentrismo vê, na humanidade de Jesus e na participação de sua Cruz, o caminho único para se chegar a união com Deus, desejada absolutamente e que de certo modo nos é oferecida desde já, no coração, no centro do espírito, na união mística.

Mas para a teologia misteriocêntrica, em que o foco de inteligibilidade é a experiência religiosa na sua dimensão profunda, encarada à luz da revelação, esse dado central torna-se ele mesmo a luz de que se parte para a compreensão de Deus e de sua *comunicação com os humanos*. No *centro da teologia misteriocêntrica* está o mistério de Deus em nós. Ora, essa presença de Deus em nós, experimentada pelo místico, mas já de certa maneira entrevista e mais ou menos antegozada em

toda experiência humana de livre acolhimento do bem, é atribuída ao Espírito Santo: Deus está presente no fundo do coração humano por seu Espírito. É o Espírito que arranca de nosso espírito gemidos inenarráveis, pelos quais chamamos a Deus, Pai, e nos reconhecemos como filhos, em união com o Filho.

Na teologia misteriocêntrica a experiência humana é uma experiência no Espírito e pelo Espírito, é a *pneumaticidade* da experiência humana, digamos assim, em particular da experiência religiosa, que constitui o foco de inteligibilidade de todo o mistério. Pode-se dizer que a vida do Espírito que se revela na experiência, o princípio de explanação de quem é Deus e de como veio até nós em Jesus para nos salvar.

No vocabulário de currículo teológico dir-se-á que o estudo do fenômeno religioso articula-se diretamente com a pneumatologia, tratados que se tornam centrais quando se reconhece o novo foco de inteligibilidade, de acordo com o contexto cultural contemporâneo, em que o contacto com a realidade é prevalentemente de ordem experiencial, existencial e pragmática, antes de ser metafísico ou histórico-tradicional.

Ultrapassaria de muito os limites desse texto indicar de que maneira, a partir da experiência no Espírito, o teólogo está magnificamente colocado, nos dias de hoje, para falar de Deus, fonte de amor gratuito que nos dá seu Espírito e de Jesus, que viveu no Espírito como homem e nô-lo comunica, glorioso, tornado princípio de vida, como diz Paulo, legando-nos o seu testemunho de fidelidade, de amor e de justiça e ao mesmo tempo nos convidando a ser seus co-testemunhas, pela comunicação do mesmo Espírito. A teologia misteriocêntrica é de fato uma pneumatologia, como muito bem o viu Congar, ao intitular o primeiro volume fundamental de seu estudo sobre o Espírito em que crê: *O Espírito Santo na Economia. Revelação e Experiência do Espírito* e ao começar sua obra com uma preciosa *nota sobre a experiência*.¹

Além disso, a pneumatologia, articulada com a experiência, é hoje, como o foi aliás através da história, desde o Novo Testamento pelo menos e de toda a tradição patrística, de certo modo melhor conservada no Oriente, o foco de inteligibilidade do mistério da Igreja, da liturgia, portanto, dos sacramentos, da vida cristã, que é vida no Espírito, da oração e da presença dos cristãos no mundo, de tal modo que o estudo do fenômeno religioso, por ser o ponto de articulação da pneumatologia com a vida, constitui porta indispensável, talvez a mais valiosa nos dias de hoje, para se introduzir à teologia.

3. À GUIA DE CONCLUSÃO: MITOLOGIA E TEOLOGIA

Uma última consideração ajuda a perceber talvez melhor a urgência de se repensar a introdução à teologia. Em tempos não

1. Yves CONGAR: *Je crois en l'Esprit Saint*. Paris, Cerf, 1995, p. 13 e 15s.

muito distantes, em que se entendia a teologia como ciência perfeita, *in facto esse*. cujos tratados, teses e metodologia se devia conhecer em si mesmos, como vinculados ao depósito da fé, para se tornar capaz de comunicar, por sua vez, a doutrina da fé, introduzir à teologia era introduzir num universo cultural bem caracterizado, inclusive pela língua e pela forma de raciocinar. Nesse caso, haveria na Igreja uma só teologia, universal, até certo ponto uniforme, ensinada no norte como no sul, na periferia como no centro do mundo civilizado, do mundo cristão.

A grande revolução, de que Vaticano II se tornou, finalmente, expressão maior, mas que ainda está longe de ter dado frutos verdadeiramente amadurecidos e consistentes, é que o saber teológico deixou de ser considerado um universo cultural acabado, para se tornar um saber em processo, *in fieri*, a partir da diversidade cultural que caracteriza hoje o mundo globalizado e pluralista. A unidade da teologia deixou de ser procurada no nível das expressões da fé, numa busca quase sempre excessiva de uniformidade, que muito se prestou a recíprocas acusações de erro e de heresia, para ser visada em virtude da unidade da realidade designada pelas expressões da fé, em que *termina* propriamente a fé, como dizem os clássicos, pois a fé está na adesão pessoal a essa mesma realidade, não no enunciado.

Essa pluralidade das expressões da fé para designar a mesma realidade transcendente de Deus e de sua comunicação com os humanos, além de se verificar sincreticamente, nas diversas culturas e nas diversas formas de abordar o mistério, verifica-se também diacronicamente, através da história, constituindo uma das maiores riquezas do patrimônio católico, que é transconfessional e busca o diálogo entre os cristãos de todos os tempos e de todas as culturas, na expressão da variada e multiforme sabedoria de Deus.

Todas as teologias querem ser e são de maneira mais ou menos perfeita uma reflexão sobre Deus. É um problema formal de perfeição da arte na medida em que, do ponto de vista do tempo e do universo cultural em que se acham ou a partir do qual se constróem, são mais ou menos capazes de exprimir, na sua totalidade muitas vezes paradoxal, o ministério de Deus e de sua comunicação com os humanos. Em outra palavras, o que constitui teologia determinado saber é a capacidade de traduzir a realidade da fé em expressões compreensíveis numa determinada cultura, situada no tempo e no espaço, em expressões, pois, homogêneas à cultura de seus interlocutores diretos.

Dada porém a transcendência do mistério de Deus e de sua *comunicação com os humanos, a própria condição da comunidade humana* tende a fixar-se nas expressões da fé, como garantia de sua consistência histórica. Prepõem-se a ortodoxia à teologia, o convencional, revestido muita vezes com ouropéis de tra-

dicional, à expressão inculturada da fé, freqüentemente nova, num tempo como o nosso, de acelerada mudança cultural. Desde que não se radicalizem as posições, este processo é extremamente saudável para o amadurecimento da teologia, que acaba assumindo perfis ideológicos se não se faz num clima de diálogo entre gerações e entre culturas.

O grande risco, porém, não é tanto, como às vezes se tende a crer, o emasculamento da teologia em busca de novidades, conduzida por uma excessiva preocupação de aparecer ou de agradar. É preciso confiar no Espírito Santo, que renova constantemente todas as coisas, e aprender as lições da história, em que os grandes passos a frente, em todos os setores da vida humana e da cultura, foram dados a partir de percepções que colocavam em xeque idéias recebidas.

O perigo real, para a teologia, está do lado do apego inflexível a expressões forjadas a partir de experiências humanas que vão sendo cada dia mais ultrapassadas pela evolução histórico-cultural. Assim, o que era teologia dentro de um determinado contexto cultural, e tem indiscutível valor teológico nesse contexto, sendo portador de um elemento revelado ou tradicional que não pode deixar de ser levado em conta como expressão da realidade do mistério de Deus revelado, perde o seu peso de expressão da realidade num outro contexto cultural, deixa de ser teologia, para se tornar cada vez mais, pura e simples mitologia.

Tomemos um exemplo maior e hoje tranqüilo, fora dos círculos fundamentalistas mais rígidos, mas que já fez correr rios de tinta e rabiscou toneladas de papel: as narrativas da criação no Gênesis. Não se pode deixar de reconhecer sua importância teológica primordial, dentro do gênero literário a que pertencem e no seio da cultura em que vigoraram e foram finalmente elaboradas, na forma em que chegaram até nós. Mas é muito freqüente que se faça delas, ainda hoje, um uso mitológico, contando como foram as origens da humanidade e haurindo nelas uma doutrina sobre o homem, a mulher, o demônio e o pecado.

Não se tem nada a objetar contra esse uso mitológico. As religiões sempre se alimentaram e alimentar-se-ão sempre de mitologias, que correspondem como uma luva à sua estrutura simbólica, sustentam as preces, os cantos, os gestos os ritos e as celebrações. Ai da religião puramente racionalista e instrumental, como da arte orientada para a produção e para a propaganda! O que não se pode, porém, é pretender vincular o estatuto científico da teologia a uma ortodoxia, na medida em que todas as expressões da fé só o são realmente no contexto cultural em que brotaram e estão por isso sujeitas a revisões profundas, ditadas por mudanças culturais igualmente radicais.

É preciso valorizar teologicamente as teologias do passado, sempre, porém, relendo-as no contexto cultural em que se elaboram, o que confere uma importância primordial ao profundo conhecimento da história por quem pretende fazer teologia. Mas não se pode deixar de denunciar seu uso mitológico quando se pretendem impor num contexto cultural à revelia e até contra as experiências humanas que o caracterizam.

Nossa tese é que para evitar o perigo de tomar como sendo teologia, as muitas mitologias que continuarão alimentando como tais a vida religiosa de importantes grupos cristãos, os estudos de teologia se façam dentro de consistente e sólida base histórica, como hoje já se conseguiu no que concerne à Escritura, por exemplo. Mas para não ficar na história, com o risco nada ilusório, ora do relativismo, ora da ideologização, que pretende estar lendo os textos, colocada na ótica de uma determinada abordagem ou de um foco hermenêutico unívoco, é preciso que se faça um verdadeiro trabalho de construção do conhecimento teológico, a partir, portanto, da experiência inculturada e em continuidade com o seu desenvolvimento, na perspectiva de uma expressão autêntica do mistério de Deus e de sua comunicação com os humanos, no seio da cultura que é a nossa.

Hoje, mais do que no passado, sem dúvida, os alunos buscam uma teologia que responda às grandes inquietações nascidas no seio da experiência dos humanos com quem convivemos. A análise teológica dessa experiência que constitui precisamente a disciplina Fenômeno Religioso, parece-nos ser a porta ideal para introduzir à teologia pneumatológica e misteriocêntrica aliás que parece ser a teologia de hoje, na nossa cultura.

Francisco Catão
Professor de Teologia Sistemática
Instituto Teológico Pio XI